

Documentação

Fonte: O Globo (opinião)

Data: 16/8/2001 Pg. 7

Class.: 72

# Amazônia, nossa?

PAULO GABRIEL DRUMMOND POYARES

**E**stive recentemente na região de Cabixi, localidade próxima a Vilhena, em Rondônia, onde fui pescar com amigos no Rio Guaporé. Trata-se de região amazônica em que o rio define a fronteira entre Brasil e Bolívia, bastante visitada por pescadores amadores, como eu.

Na margem esquerda do rio, que pelo menos ali não é muito largo, coisa de 200, 250 metros no máximo, encontra-se uma grande extensão de floresta contínua, preservada pelos bolivianos — a margem direita é brasileira — e transformada em parque de proteção ambiental, sob os auspícios de uma entidade de defesa ecológica americana que, segundo informações colhidas no local, banca as despesas de manutenção de toda a área.

Os americanos não só bancam os custos, como mantêm permanentemente pessoal próprio patrulhando o rio, muitas vezes tripulando os barcos bolivianos.

O trabalho realizado pelos bolivianos é bastante objetivo, já que estão em constante vigília, cruzando com seus barcos, principalmente, as localidades do rio mais visitadas pelos intrusos brasileiros, em geral pescadores amadores. Eu mesmo fui surpreendido com meu grupo, quando pescava do lado errado, por dois policiais que se aproximaram de barco e nos interpelaram perguntando se não sabíamos da interdição da pesca no lado boliviano. Diante de resposta negativa, pediram a nossa imediata retirada da área, ordem que cumprimos rapidamente.

O incidente e o diálogo ocorridos foram rápidos, e a abordagem policial extremamente polida e correta,

sem quaisquer ameaças. Diria que foram até simpáticos, diante de nossa visível aflição com a situação.

De volta ao hotel, comentando o ocorrido, fomos informados que tivemos muita sorte. Se os americanos estivessem a bordo, teriam confiscado toda a nossa tralha de pesca, material, peixes e até a embarcação. Seríamos então abandonados à própria sorte, na margem brasileira do rio, sem qualquer aviso às nossas autoridades. Isso foi o que aconteceu com um grupo de turistas brasileiros, há pouco menos de 30 dias, conforme nos relataram.

Ora, é preocupante constatar que os americanos já estão aqui, dentro da nossa Amazônia tão cobiçada. Sim, porque as linhas divisórias fronteiriças são traços imaginários ou cursos de água, e não muralhas inexpugnáveis, guardadas por ferozes legiões prontas para o ataque.

Se os americanos circulam com toda essa desenvoltura em Rondônia,

no que eu chamaria de Amazônia Próxima, imagine o que não poderia estar ocorrendo em áreas de florestas do norte, interiorizadas, em que a presença brasileira é praticamente nula.

A propósito de ferozes legiões, nosso Exército mantém ali, próximo, um destacamento de fronteiras que visitei e, pelo que vi, guarnecido por um sargento e alguns soldados sonolentos — o calor é grande na região — que, ao tentar movimentar um precário barco a motor no rio, logo tiveram que retornar porque o motor pifou em menos de três minutos de navegação. Testemunhei a cena pessoalmente, já que estava ancorado nas imediações.

Segundo informações colhidas com ribeirinhos, ali, na região de Cabixi-Vilhena, circulam muitos estrangeiros, principalmente americanos, que se identificam aos locais como pesquisadores.

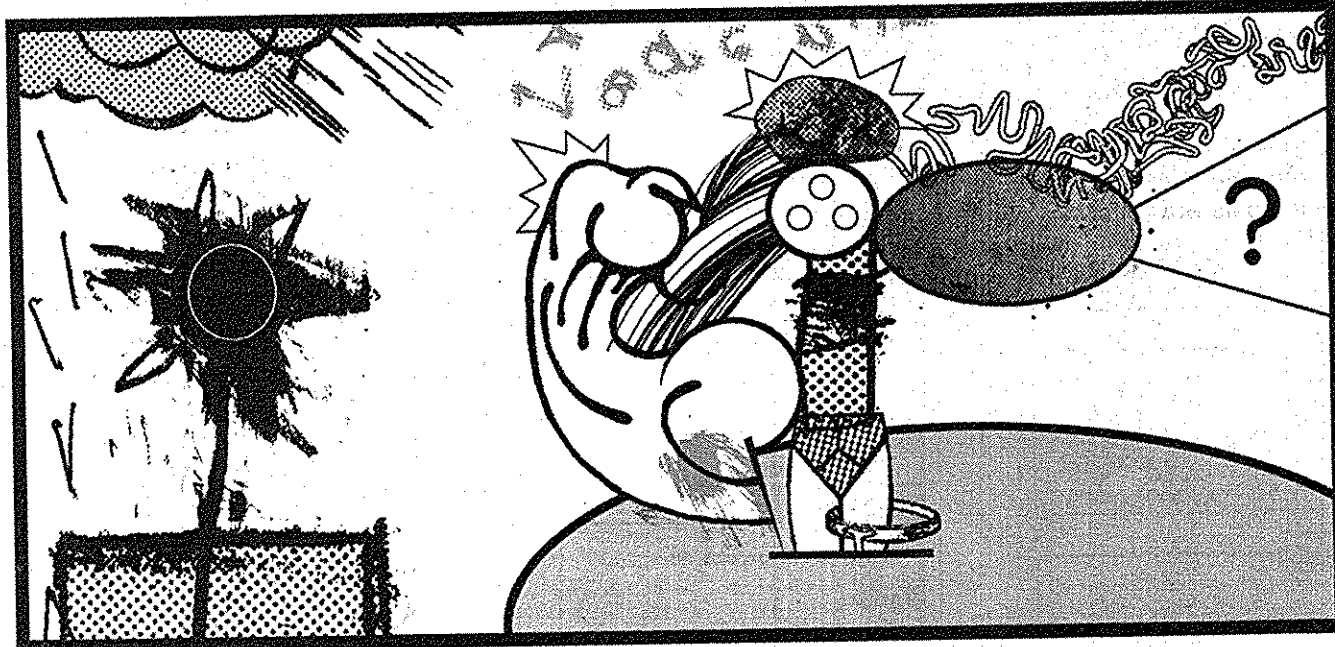
Pesquisadores de quê? E por quê?

A verdade é que nossa Amazônia vem há muito sendo cobiçada por países do norte que alegam ser a floresta um patrimônio da humanidade. Algumas personalidades nesses países justificam sua cobiça com chavões do tipo “se os brasileiros não têm competência para manter e conservar a floresta amazônica, nós temos de fazê-lo”.

A desenvoltura com que esses estrangeiros circulam livremente na região, tão próxima de aglomerações urbanas, leva-me a imaginar o que não estará acontecendo no interior da gigantesca floresta. Com tantas manifestações internacionais sobre o nosso direito de posse desse imenso território, parte contínua do Brasil, seria até pueril aceitarmos que os pesquisadores estrangeiros que aqui estão se limitem a desenvolver suas pesquisas às cercanias de Cabixi-Vilhena.

Estas e outras constatações e indícios nos remetem à idéia da invasão

Cavalcante



territorial de nosso país, não como uma intenção de alienígenas, mas como uma realidade palpável, em curso neste momento. Independentemente da observação de nosso território por satélites e outros sofisticados sistemas eletrônicos de observação científica, aos quais não temos acesso, eles estão dentro da nossa floresta, colhendo amostras de todo o tipo, perfurando e sondando o solo, registrando e avaliando nossas riquezas, pesquisando aquilo que desconhecemos.

O que fazer, então?

Ora, já que nossa Amazônia é praticamente desabitada, ocupando aproximadamente um terço do território nacional, e não temos recursos para conservá-la, o melhor é vendê-la! Trata-se de opinião esposada por inúmeros cínicos, histriões e alguns pragmáticos, aos quais me junto, acrescentando uma sugestão para o preço de venda: cinco trilhões de dólares. Uma pechincha!

Isso nos livraria definitivamente da dor de cabeça, permitindo o pagamento de nossa dívida externa, em torno de quinhentos bilhões de dólares, colocando a região em mãos de cidadãos competentes do Primeiro Mundo, que transformariam a floresta — após saqueá-la de suas riquezas — em parque temático, nessa fase já com o concurso do pessoal da Disney, e ainda com a vantagem do fácil acesso para nós brasileiros.

De quebra, com o troco — 4 trilhões e meio de dólares — faríamos a felicidade de todo o povo brasileiro e passaríamos a ser um dos países mais ricos do mundo! Desde que essa grana não caísse nas mãos de nossos políticos.

PAULO GABRIEL DRUMMOND POYARES é comunicador.